

Mulheres pescadoras: a pesca de camarão na comunidade Rio Guajará de Beja (município de Abaetetuba-Pa)

Elda Baia Belo¹

Francinei Bentes Tavares²



RESUMO

Este artigo vem tratar do trabalho de mulheres pescadoras de camarão (*Macrobrachium amazonicum*) na comunidade Rio Guajará de Beja, no município de Abaetetuba, Pará, especificamente em relação às suas práticas e experiências na pesca do camarão nas proximidades praianas ou na “beira”. A metodologia utilizada foi a história oral, pesquisa bibliográfica e entrevista semiestruturada para a coleta de dados com algumas pescadoras da localidade. A pesquisa obteve como resultado que as mulheres pescadoras destacam-se na produção do crustáceo, por terem um conhecimento empírico em relação a esta atividade, passado de geração para geração. Deste modo, elas têm um papel fundamental no desenvolvimento da atividade na comunidade, pois além de participarem de todo processo até a comercialização ou consumo, ainda desenvolvem suas atividades laborais do lar. Na comunidade, essa atividade é realizada quase que exclusivamente por mulheres, já que os homens participam da pesca industrial em “alto-mar”.

Palavras-chave: Pesca artesanal. Mulheres. Gênero. Trabalho.

1 Discente do curso de Licenciatura em Educação do Campo, do Campus Universitário de Abaetetuba (CABAE), da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: eldabaiaabelo@gmail.com.

2 Docente da Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo (FADECAM / CABAE / UFPA). E-mail: francinei@ufpa.br.

ABSTRACT

This article deals with the work of female shrimp fishermen (*Macrobrachium amazonicum*) in the Rio Guajará de Beja community, in the municipality of Abaetetuba, Pará, specifically in relation to their practices and experiences in shrimp fishing near the beaches or on the “edge”. The methodology used was oral history, bibliographic research and semi-structured interviews for data collection with some local fishermen. The research found that fisherwomen stand out in crustacean production because they have empirical knowledge about this activity, passed from generation to generation. In this way, they play a fundamental role in the development of activities in the community, as in addition to participating in the entire process, up to commercialization or consumption, they also develop their work activities at home. In the community, this activity is carried out almost exclusively by women, since men participate in industrial fishing on the “high seas”.

Keywords: Artisanal fishing. Women. Gender. Work.

INTRODUÇÃO

Os processos de organização da atividade pesqueira artesanal no Brasil remontam aos tempos pré-coloniais. Naquela época, eram os índios que se organizavam em grupos familiares ou de aldeia para a captura de peixes. Então, o objetivo dessa atividade era tão somente a subsistência, e a extração se dava dentro dos limites da necessidade imediata dessa população (TELES; CHAVES; BRITO, 2019).

A atividade da pesca na região amazônica acontece habitualmente na vida de muitas pessoas. Grande parte das famílias utiliza para alimento familiar (pesca de subsistência) e outros utilizam de forma profissional (pescadores artesanais ou industriais). A atividade pesqueira, deste modo, tornou-se parte da vida dos moradores da região.

O envolvimento das mulheres neste universo ocorreu inicialmente de forma indireta, quando a elas cabia a responsabilidade do beneficiamento e da comercialização do pescado, além da confecção e do reparo dos instrumentos utilizados pelo homem para a realização da atividade (MARTINS; ALVIM, 2016). Para Maneschy, Siqueira e Alvarez (2012), as mulheres têm um envolvimento muito discreto dentro da atividade, carregando uma conjuntura diferenciada em relação ao valor do trabalho do homem e mulheres na atividade.

A presença feminina na pesca de camarão vem, com tempo, ganhando visibilidade. O trabalho é desenvolvido de forma artesanal, com pouca tecnologia e sem grandes impactos ambientais. Além dessa atividade, essas mulheres desenvolvem outras atividades como: criação de pequenos animais, agricultura, cuidam do lar e outras tarefas vinculadas à pesca em regime familiar. Nessa comunidade, a pesca de camarão ocorre desde a década de 1960 e sempre sendo desenvolvida em sua maioria por mulheres e crianças.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho consiste em descrever as formas encontradas para a pesca artesanal do camarão regional amazônico, de forma a destacar os papéis de gênero e a importância do trabalho feminino nesta atividade em especial. Portanto, a ideia principal é contribuir com as discussões sobre a divisão do trabalho a partir do gênero no âmbito de uma comunidade ribeirinha na Amazônia Oriental.

MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA

O Rio Guajará de Beja localiza-se na zona rural do Município de Abaetetuba, no Estado do Pará, distrito de Beja. O referido rio é situado a 127 km de Belém do Pará, 18 km de Abaetetuba-PA e 23 km do Distrito de Vila de Beja na região nordeste do Estado do Pará e deságua na baía do Capim. Outra forma é por via fluvial do município até a localidade. A Comunidade de Guajará de Beja está situada à margem direita da baía do Capim (Figura 1). Neste local, há três assentamentos, formado por áreas de várzeas, possuindo uma população estimada de aproximadamente 1.200 habitantes, conforme dados do ACS (Agente Comunitário de Saúde, 2020), no local que é designado como região das Ilhas de Abaetetuba. A principal atividade desenvolvida é a pesca artesanal para fins de consumo da família (subsistência) e a industrial (comercial). Além dessas atividades, são desenvolvidas também a agricultura, o extrativismo, a avicultura, a criação de suínos, entre outras criações. Bem como, a tecelagem, o trabalho no setor público (escola da localidade), e os demais que trabalham nos setores de indústrias.

Figura 1: Localização do Rio Guajará de Beja



Fonte: Google Earth (2022).

Para este estudo, os meios de investigação incluíram uma revisão bibliográfica, a aplicação de questionários semiestruturados e a pesquisa de campo com entrevistas históricas, na intenção de entender o contexto estudado.

Para tal, apresenta-se primeiramente a conceituação de Lakatos e Marconi (2007, p. 188), que dizem:

Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observações empíricas ou para as análises de dados (ou ambas, simultaneamente). Obtêm-se frequentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc., para o estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades, mas geralmente sem o emprego de técnicas probabilísticas de amostragem.

Nesse sentido, empenha-se em analisar e interpretar de forma mais profunda, fornecendo informações mais detalhadas do objeto investigado.

Sobre a pesquisa bibliográfica, Gil (2008, p. 50) afirma que a mesma parte de materiais já foi elaborada, principalmente a partir de bases de confiança como livros e artigos científicos. Para Severino (2007), a pesquisa bibliográfica realiza-se pelo:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

Deste modo, sobre as assertivas, elas correspondem a um conjunto de dados contidos em documentos impressos, artigos, dissertações, livros publicados. Assim, os textos e as informações são fontes para a base teórica da pesquisa e na investigação dos estudos dos textos que possam colaborar no desenvolvimento da pesquisa.

Em relação à pesquisa de campo, Lakatos e Marconi (2007) afirmam que seu objetivo é “[...] conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Para efetivar a coleta de dados, fez-se uso do questionário, que segundo Gil (2008, p. 121) define-se como “a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado [...]”.

Por fim, outra técnica utilizada nesta pesquisa foi a entrevista histórica ou história oral que é definida por Alberti (2005, p. 18) como:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos [...].

A história oral permite não apenas compreender como o passado é contemplado pelas memórias, mas principalmente como essas memórias se constituíram.

Deste modo, os dados que deram suporte à pesquisa foram obtidos a partir da aplicação de sete questionários, envolvendo aspectos sociais, históricos e relacionados a atividades pesqueiras junto às pescadoras de camarão da comunidade, e que estão diretamente atrelados ao universo do trabalho da pesca mantendo uma rede de relações sociais, políticas e culturais com tal trabalho.

O TRABALHO DAS MULHERES PESCADORAS DE CAMARÃO

A pesca é uma das atividades mais antigas do mundo, baseada na simplicidade. A princípio, com cunho de subsistência, os próprios pescadores eram os principais responsáveis pela fabricação dos equipamentos de forma artesanal, e ainda servia como moeda de troca para aquisição de outros produtos. O pescador artesanal é atribuído ao “trabalhador do mar”, que tem sua vida pautada exclusivamente na pesca, donos de suas próprias embarcações ou não (SILVA; ANDRADE, 2010).

Para Maneschy (1993), a pesca teve papel fundamental no desenvolvimento da atividade como fonte essencial de abastecimento e de comércio, com técnicas de ascendência indígena que por muito tempo foram a base das pescarias regionais. Portanto, além de representar fonte de alimento, renda e reprodução cultural para a sociedade, gera conservação, gestão e desenvolvimento na atividade (DINIZ *et al.*, 2006), principalmente para as populações ribeirinhas, conforme podemos observar abaixo:

O pescado é destacadamente a principal fonte proteica na alimentação das populações ribeirinhas amazônicas e com a transformação tecnológica ocorrida no setor após a década de 1960, a atividade pesqueira teve seu valor econômico, político e social, estendido e intensificado (MAIA, 2009, p. 07).

A inclusão da mulher no setor pesqueiro vai permitindo ocupar um espaço na organização da produção, uma vez que também fazem parte do grupo coletivo do trabalho, compartilhando um papel importante dentro da economia familiar.

Conforme Martins e Alvim (2016), essa inserção proporciona não somente a geração de renda, como também a conservação da atividade, por intermédio da transmissão de conhecimento e fonte de trabalho. Todavia, dentro desse universo pesqueiro há também a extensão além da pesca, o cuidado com o lar.

Segundo Figueiredo (2014, p. 85):

A produção do espaço em comunidades pesqueiras é determinada pelo modo como homens e mulheres produzem sua existência por meio do trabalho na pesca artesanal. Por certo, as pescadoras não têm condições de pagar outra pessoa para cuidar de seus filhos e, deste modo, essas mulheres, de fato, conciliam a pescaria com os afazeres domésticos.

Nesse direcionamento, percebe-se que as mulheres carregam uma responsabilidade de mãe, esposa e dona de casa, além do trabalho na pesca. Por se tratar de uma atividade desenvolvida na terra, e não em alto-mar, é por muitos considerada como menos importante. Assim, Alencar (1993, p. 67) afirma:

Estas atividades são consideradas como menos importantes por duas razões. Primeiro, por ocorrerem em terra, longe dos perigos e das intempéries do mar; segundo, por estarem mais voltadas para a reprodução e manutenção do cotidiano familiar, para a reprodução das rotinas. Essas atividades ocorrem dentro de um espaço temporal cíclico, que é o da reprodução, e se opõem ao tempo linear da produção, que é o tempo masculino.

Desse modo, a organização e a divisão do trabalho acontecem em espaços diferentes de acordo com o gênero, assim caracterizando o mar como espaço quase que habitado por homens e as mulheres ficando com as atividades da beira ou terra (FURTADO, 1981).

A pesca artesanal de camarão na comunidade Rio Guajará de Beja vem de um conhecimento empírico, passado de geração para geração. Essas pescadoras trabalham na pesca desde crianças, em sua maioria aprenderam com seus pais, ou outro familiar; elas acompanhavam todos os processos e até hoje utilizam as mesmas técnicas e instrumentos repassados por seus ascendentes (AMORIM, 2001). O trabalho da pesca do camarão é realizado em etapas até a captura do crustáceo, e para isso tornam-se necessárias muitas horas de dedicação ao preparo, um trabalho feito por elas e às vezes com auxílio de seus filhos ou netos.

Repensar o trabalho dessas mulheres é trazer histórias de pescadoras muitas vezes esquecidas, pois seus saberes não são valorizados, e que além de horas de dedicação, correm risco em determinados ambientes além das dificuldades das lutas por territórios pesqueiros, uma das suas maiores dificuldades.

INSTRUMENTOS, TÉCNICAS E ESTRATÉGIAS DE CAPTURA DO CAMARÃO

Observou-se que no Rio Guajará de Beja o camarão regional (*Macrobrachium amazonicum*) pode ser capturado com dois tipos de armadilhas.

Das sete pessoas entrevistadas, três utilizam além da captura com o matapi também a gapuia como estratégia de pesca do crustáceo.

Matapi

A pesca do camarão na comunidade Rio Guajará de Beja se desenvolve principalmente às margens do rio, ou nas proximidades praias banhadas pela baía do Capim. Essa pesca é realizada nos meses de janeiro a junho, e é desenvolvida em pequena escala, para subsistência familiar, porém quando é a temporada de “safra” as mulheres armazenam e comercializam na própria comunidade ou nas proximidades. A presença feminina é uma característica muito marcante nessa atividade, no entanto é um trabalho bem cansativo, pois elas têm que enfrentar muitos obstáculos e as intempéries ambientais.

O matapi (Figura 2) é feito de cipó e tala de jupati³, todos retirados da vegetação natural. Ele tem uma aparência arredondada como um cilindro e os lados com perfurações em forma de funil, onde os camarões entram para comer a isca. Segundo as entrevistadas, parte dos matapis é confeccionada por elas e alguns outros são adquiridos no município de Abaetetuba. Os apetrechos construídos por elas são utilizados de materiais extraídos próximo de suas residências e levando um processo lento para a sua fabricação. Primeiro deve-se cortar a tala do jupati, depois passar pelo processo de secagem que leva cerca de 45 dias, então começa limpar a tala, o que elas se configuram como “tirar a bucha”. Após essa etapa, cortam as talas em centímetro apropriado e inicia-se a tecelagem do matapi utilizando as talas e o cipó para amarração, por fim junta o funil que possui um furo exatamente de acordo com o tamanho do camarão. Assim, já finalizado, restam apenas colocar a corda para prendê-lo a vara.

Segundo as entrevistadas, a durabilidade do matapi depende da matéria-prima utilizada; os que são confeccionados por elas têm uma durabilidade maior, pois são construídos com materiais resistente e novo, já os comprados na sede do município têm durabilidade menor, no entanto às vezes elas preferem comprar os prontos para facilitar na pesca, já que precisam de muitos e elas não têm tanto tempo para confeccionar, pois exercem também outras atividades laborais.

Figura 2: Matapi



3 Fibra vegetal retirada da palmeira do jupati (*Raphia taedigera*), matéria-prima retirada da natureza.

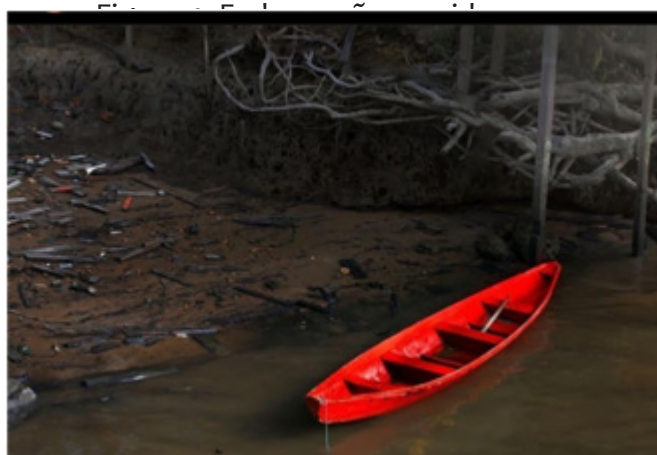
Fonte: Pesquisa de campo (2022).

O processo de captura do crustáceo segue várias etapas, como, por exemplo: o primeiro passo é a preparação da isca ou puqueca (Figura 3), segundo elas, utiliza-se o farelo do babaçu (*Orbignyia speciosa*) embrulhado em sacolas plásticas e/ou na folha da árvore do cacau e é realizado minifuros para atrair os camarões, após iscar, se deve amarrar no matapi com a própria sacola ou outro fio resistente à água.

Figura 4: Embarcação movida a remo



Fonte: Pesquisa de campo (2022).



Fonte: Ediney Souza (2021).

A pesca do matapi é feita por embarcação pequena conduzida a remo (Figura 4) e/ou motorizada (Figura 5) e que suporta todos os matapis. Ela é feita tanto na beira do rio quanto na beira da baía do capim que banha o rio. A reutilização dos materiais é bem valorizada por elas, como o material para fazer a puqueca que se faz uso até umas três vezes, assim como o farelo de babaçu que, depois de utilizado, colocam para secar e no

próximo dia é misturado com novo farelo.

Figura 5: Rabeta, meio de transporte motorizado



Fonte: Ediney Souza (2021).

Depois de finalizada a preparação da puqueca, que começa aproximadamente às 17:00, os matapis são colocados nas embarcações e levados até o destino que cada pescador escolheu para pescar, ou às margens do rio ou da baía. Eles são amarrados em vara ou árvores às 18:00 ou 18:30 e retirados por voltas das 05:30hs da manhã para realizar a despesca. As pescadoras possuem seus locais específicos e fixos de pesca, e possuem suas delimitações para ninguém invadir territórios uma da outra, como as que pescam próximo de suas residências, que armam seus apetrechos próximos de suas casas; já aquelas que pescam às margens da baía, têm também seus ambientes de pesca fixo. No entanto, para garantir tal espaço, é necessário permissão ao proprietário em que seu espaço está alocado.

Algumas das entrevistadas, durante o período da safra, principalmente nos meses de maio e junho, em que a produção aumenta, dizem que costumam armazenar os camarões em uma espécie de armazenador natural, conhecido como viveiro que possui a função de guardar os camarões vivos para serem conservados e vendidos vivos, essa conservação é realizada logo após a despesca e colocado nos viveiros amarrados na água no porto de suas residências. Esse instrumento de armazenamento é feito dos mesmos materiais que são construídos os matapis, no entanto com o tamanho maior.

Essa pesca de camarão é muito importante para as famílias dessas mulheres, pois é através dela que conseguem o alimento diário de seus filhos e também gera uma renda extra para elas. Em sua maioria, é realizada sozinha ou acompanhada de um filho ou neto (em caso raro, o marido acompanha). Quando se trata da pescaria nas proximidades da baía (nas praias), elas preferem ir acompanhadas, pois têm alguns perigos, mas segundo as entrevistadas, quando não têm acompanhante, vão sozinhas mesmo, como diz uma das pescadoras:

Quando vou sentar o matapi, vou sozinha, porque sempre meu marido não tá na “beira” pra ir comigo, aí eu vou lá sentar só, eu vou a remo, às vezes ele vai quando chega da viagem, mas quase sempre vai só eu (ENTREVISTADA 1, Rio Guajará. 2022).

É muito perceptível notar durante a pesquisa que esses saberes na pesca sempre estiveram atrelados a uma construção histórica, um conhecimento passado de geração para geração

(CARDOSO, 2009), um saber que aprenderam com suas mães e até hoje tentam manter ensinando seus filhos levando-o para realizar também a pesca como cita essa pescadora:

Eu pesco desde criança, quando ia com a mamãe, hoje ainda pesco de matapi e rede, vou com meus filhos, quando a maré da boa na beira eu sento aqui mesmo, mas quase sempre pesco na beira da praia, aí já vamos mais pra fora, aí sempre levo um ou dois filhos comigo (ENTREVISTADA 2, Rio Guajará. 2022).

Assim, essas mulheres ribeirinhas trabalham executando diversas tarefas na atividade pesqueira, desde crianças elas aprenderam observando e agora já praticam a mesma atividade. No entanto, elas não trabalham apenas na pesca, elas também desenvolvem outras tarefas como as relacionadas aos serviços domésticos, agricultura, entre outros. Nesse sentido, há um acúmulo de funções, o que futuramente pode gerar algumas consequências (MARTINS; ALVIM, 2016).

Comecei a pescar com 15 anos, pescava com minhas irmãs, eu pesco um pouco de cada, tem dias que pesco de linha de mão, outro pesco de rede, e pesco também de matapi, gosto também de gapuiar quando a maré dá boa. Nós mulheres faz tudo isso de manhã que o sol é mais frio e depois quando chego ainda vou fazer comida e lavar roupa e as outras coisas da casa (ENTREVISTADA 3, Rio Guajará. 2022).

Muitas pescadoras também realizam além da pesca de camarão, a pesca com linha de mão e rede de espera, desenvolvem ainda outros trabalhos relacionados à atividade junto com os seus maridos, também pescadores, podemos citar: confecção e reparo das redes e malhadeiras; reparos dos matapis; fazem o rancho que os pescadores embarcados levam para pescaria em alto mar; batem o açai também para alimentação dos parceiros de barco durante os períodos em que estão “lá fora” na pesca. Portanto, o trabalho dessas mulheres requer muita dedicação tanto na terra quanto na água, um trabalho que trazem modificações para o cotidiano dessas mulheres, que começam suas atividades desde sua infância e com histórias muitas vezes esquecidas e desvalorizadas pela sociedade e por elas mesmas (RODRIGUES *et al.*, 2018). Elas passam por insalubridades nos locais mais ao longe, os perigos do mar. Em seu discurso, é perceptível os perigos que elas enfrentam, como podemos observar na fala dessas pescadoras:

Eu pesco mais na baía, eu acho que lá dá mais camarão, lá eu pego bem. Mais às vezes tem muita maresia de tarde, aí quando vejo que vem muito tempo forte, eu logo isco o matapi e vou logo sentar lá na praia. Quando eu vejo que não vai passar e já tá escurecendo, eu vou assim mesmo e convido o menino para ir comigo, porque às vezes tem muito vento (ENTREVISTADA 4, Rio Guajará. 2022).

O que eu acho difícil é quando a gente vai sentar o matapi de tarde e quando vamos tirar de manhã cedinho já despescaram, e também já aconteceu de até levarem quase todos os meu matapi, de vez enquanto acontece, a gente passa um trabalho e ainda roubam, aí fica difícil pra nós (ENTREVISTADA 5, Rio Guajará. 2022).

Já enfrentei muito temporal aí nessa baía, uma vez quase afundo de tanta maresia eu pilotava e secava a rabetá, quando vai gente é bom, que se tiver maresia grande vai logo secando. Mas tem vezes que dá muita maresia, aí tem que deixar passar pra poder ir sentar (ENTREVISTADA 6, Rio Guajará. 2022).

Essas mulheres possuem habilidades e conhecimentos repassados a elas. A pesca para elas

tem proporcionado uma afinidade maior com o meio ambiente, pois são detentoras de conhecimento empírico ambiental e suas variações ecológicas (RODRIGUES *et al.*, 2017). Não basta apenas saber pescar, ou iscar o matapi, nessa atividade é necessário conhecer o espaço em que o trabalho vai ser realizado, um conhecimento espacial dos rios, igarapés e furos. Elas constroem suas estratégias de produção, uma rotina de uso racional promovendo a sustentabilidade, seu papel de pescadora e “cuidadora” do lar representa uma rede de relações entre a beira e o mar.

Gapuia

A gapuia é uma atividade coletiva pesqueira realizada na comunidade de Guajará de Beja, sempre executada por mais de quatro participantes, composta em sua maioria por mulheres. Por se tratar de um trabalho que requer muito esforço físico, torna-se necessário um grupo maior. Esse tipo de pesca é praticado em ambientes específicos como fundo dos igarapés, onde as espécies de camarão se concentram para se reproduzirem.

As técnicas se diferenciam da pesca com matapi, pois os instrumentos utilizados são todos manuais e existem estratégias específicas para esse tipo de pescaria (CARDOSO, 2001). Para ser realizada, é necessário seguir algumas etapas como: identificar o local adequado e vantajoso para realizar a captura naquele ambiente, ou não; verificar a quantidade de água retida; se haverá a necessidade de um esforço maior; e, por fim, analisar se tem boas porções do crustáceo concentrado, pois a gapuia é considerada satisfatória quando há muitos peixes capturados.

A realização da primeira etapa consiste em encontrar um ambiente bom para pegar os camarões e também os peixes, o local onde há maior concentração deles. Essa identificação é feita obedecendo alguns critérios como: o poço não pode ser muito largo e nem muito fundo, pois dificulta na retirada da água, e com um pouco de sombra. São os lugares propícios de concentração das espécies. Então, após a identificação do poço, e a verificação da quantidade de camarão, que é o tipo de crustáceos encontrados na Amazônia, começa a organização de captura.

Nessa fase, é feita uma barreira ou mocooca⁴, para impedir a passagem dos camarões do poço. Esse tapume consiste em colocar paus e ramos de árvores em volta do poço coberto por lama ou argila retirados das proximidades do poço para diminuir a corrente da água. Após estar pronta a mocooca, é necessário que alguém do grupo esteja atento às barreiras, para que elas não se desfaçam com o fluxo da água, e sempre se deve reforçar a mocooca, pois do contrário, a água do lado de fora pode penetrar e encher o poço.

Com a mocooca pronta, inicia-se o processo de secagem da água que ficou retida no poço, é feito com balde ou outro utensílio semelhante. Esse processo é o mais cansativo, por haver uma boa quantidade de água, por isso ele ocorre em forma de rodízio, assim que uma dupla cansa, passa a vez para mais duas pessoas, e os que estavam secando passam a fazer a manutenção das mocoocas para não desabarem com a água que fica descendo pelo igarapé. Chegando a etapa final da secagem quando os camarões começam a pular, é a hora ideal de capturá-los. A captura é feita pela barba do camarão, pegando de um por um, ou é mergulhando o paneiro até fundo do poço e pegando. No poço, também se

4 Barreira construída para impedir o fluxo da água durante o processo de gapuia.

encontram várias espécies de peixes, específicos desses ambientes, tudo capturado; no entanto, esse tipo de camarão de gapuia é diferenciado dos capturados às margens do rio com matapi, pois os de igarapés têm um aspecto de casca amolecida muito perceptível nele, pronto para o consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na comunidade Rio Guajará de Beja, observou-se que o camarão-da-Amazônia é capturado com diversas armadilhas; no entanto, a pesca com o matapi destaca-se como o principal, tudo praticado de forma artesanal. Essas estratégias de captura estão interligadas aos saberes que as pescadoras possuem sobre os espaços e experiências para efetuar uma boa pescaria, elas são detentoras de um conhecimento amplo dos fatores ambientais e que influenciam no ofício, pois é necessário saber a maré ideal, a melhor época, a escolha do local, uma vez que, para cada armadilha tornam-se necessárias estratégias diferentes e específicas.

Diante do exposto, percebemos que a presença feminina tem um papel fundamental no ofício, pois, além de seu envolvimento na atividade, é realizada também muitas vezes pelos filhos e netos que o acompanham. Na comunidade, o trabalho da pesca artesanal é realizado por homens e mulheres; no entanto, as mulheres executam atividades mais próximas da “beira” e os homens se distanciam mais para outras regiões, pescando outras espécies de peixes, ficando distantes de suas residências por cerca de 20 dias.

Assim, essa atividade da pesca do camarão é muito tradicional e é repassada de geração para geração. Ela tem sua importância econômica e social para essas mulheres, que além de envolver seus filhos ou parentes, participam também de todo processo de produção. Além disso, algumas executam só pesca do camarão, já outras têm um envolvimento maior na pesca artesanal, pois além da coleta do camarão, fazem reparo em redes de pesca, participam da organização para a saída e chegada dos barcos que pescam em alto-mar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALENCAR, E. F. *Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

AMORIM, I. *A organização do trabalho da pesca, em finais do séc. XIX, na Póvoa de Varzim*. Porto: Universidade do Porto, 2001.

CARDOSO, E. S. *Pescadores artesanais: natureza, território, movimento social*. 2001. 143 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CARDOSO, E. S. Trabalho e pesca: apontamentos para a investigação. *Revista Pegada*, v. 10, n. 2, dez. 2009.

DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T.; SANTOS, R. B.; FILGUEIRAS, G. C. *Atividade Pesqueira na Amazônia: Limites e Possibilidades para o Desenvolvimento Local*. Fortaleza: SOBER, 2006.

FIGUEIREDO, M. M. A.; PROST, C. O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. *Revista Feminismos*, v. 2, n. 1, 2014.

FURTADO, L. G. *Pesca artesanal: um delineamento de sua história no Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1981.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

MAIA, M. B. R. *Do defeso ao seguro desemprego do pescador artesanal: a inclusão do pescador nas políticas públicas de seguridade social*. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ALVAREZ, M. L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 3, p. 817-837, 2012.

MANESCHY, M. C. Pescadores currelistas no litoral do estado do Pará: evolução e continuidade de uma pesca tradicional. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 10, p. 53-74, 1993.

MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 11, p. 379-390, 2016.

RODRIGUES, C. P.; SCHERER, E. F.; DIÓGENES, A. M. R. Significados e significâncias do trabalho de mulheres pescadoras em uma comunidade amazônica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017. *Anais eletrônicos [...]*. Florianópolis: UFSC, 2017.

RODRIGUES, C. P.; SCHERER, E. F.; DIÓGENES, A. M. R. Gênero e trabalho: meu corpo fala na pesca. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 7., 2018. *Anais [...]*. Rio Grande-RS: FURG, 2018.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez; 2007.

SILVA, L. L.; ANDRADE, M. O. Pescadores artesanais da praia da Penha-PB: novos paradigmas. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, v. 10, n. 2, p. 105-112, 2010.

TELES, C. A. R.; CHAVES, P. R.; BRITO, D. M. C. Relações de Trabalho, Migração e Pesca na Colônia Z-3 – Oiapoque-Amapá. *Revista Equador*, v. 8, n. 2, p. 01-18, 2019.